

Domingo, 17 de julho de 2022

## O escasso mercado de trabalho para as negras

Em tempos de empregos escassos para a população brasileira em geral, no Julho das Pretas o Sindsprev destaca que mulheres negras encontram dificuldades no Mercado de Trabalho três vezes mais. E quando falamos do funcionalismo, se de todo o grupo, apenas 35,6% é formado por negros, e nos cargos altos os negros em geral ocupam apenas 15%, para as mulheres, o problema é ainda maior.

Somos cientes de que no Brasil, segundo o IBGE, 54% da população é negra; apesar disso, de longe, mulheres negras só representam 27,8% da ocupação de vagas no mercado. Mesmo sendo maioria, a pesquisa “Protagonismo das mulheres nas empresas”, realizada neste ano por uma consultoria em marketing digital com mais de 21 mil empresas em todo Brasil, revela que 25,1% delas não possuem nenhuma mulher negra em todo o seu quadro de funcionários.

Outros estudos também escancaram essa dura realidade enfrentada. O levantamento realizado pelo Insper intitulado: “Diferenciais Salariais por Raça e Gênero para Formados em Escolas Públicas ou Privadas”, com base nos dados do PNAD de 2006 a 2018 faz análise de cinco profissões (engenheiros/ arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais). Os dados apontam que a média dos salários dos homens é sempre 100% maior do que a de mulheres negras e chega a quase 160% para aqueles que possuem ensino superior público.

Ao fazer a análise somente entre mulheres, a pesquisa mostra que as brancas que possuem ensino superior e são formadas no ensino público recebem em média 55,55% a mais do que negras.

Durante a pandemia, essa foi uma realidade ainda mais difícil. Um estudo feito pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da USP, divulgado em setembro do ano passado, mostrou que nas diferentes fases do Auxílio Emergencial, e em todos os cenários, as negras foram as que mais sofreram com a pobreza e a extrema pobreza. Quando o benefício foi suspenso, entre janeiro e março de 2021, 41% delas estavam em situação de pobreza e 14,6% em extrema pobreza.

Ainda de acordo com o IBGE, além das pessoas ocupadas, que são as que estão empregadas e que trabalham por horas suficientes, existem outras três categorias de pessoas no mercado

de trabalho. A primeira a de “desocupadas”, que são pessoas que apesar de não possuírem um emprego, tomaram alguma providência efetiva para encontrar trabalho e estão disponíveis para assumi-lo, caso encontrem um. Depois vêm as pessoas subocupadas, que são aquelas que possuem uma ocupação de poucas horas trabalhadas e, conseqüentemente, uma renda que não dá conta de atender suas necessidades. Para fechar, o IBGE registra as desalentadas, que são as pessoas que gostariam de trabalhar, mas que por algum motivo não realizam buscas efetivas por trabalho. Ou seja, desistem de procurar.

Uma análise específica sobre as mulheres ocupadas revela que, em 2021, havia 1,6 milhão de mulheres a menos trabalhando no país, das quais 1,2 milhão negras e 466 mil não negras - trabalhadoras que perderam a ocupação na pandemia e não conseguiram nova colocação.

Para se ter uma ideia, a taxa de desocupação feminina aumentou entre 2019 e 2021, de 14,3% para 15,9%. Além disso, diminuiu o contingente de participação de mulheres ocupadas entre o estoque de mão de obra feminina (acima de 14 anos): de 54,6% em 2019 para 52,25% em 2021.

A força de trabalho feminina caiu de 47,5 milhões em 2019 para 46,4 milhões em 2021, com respectivamente 6,8 milhões e 7,4 milhões de mulheres desocupadas em 2019 e 2021. O número de desempregadas negras deu um salto: passou de 4,4 milhões em 2019 para 7,3 milhões em 2021.

As trabalhadoras negras não pagaram a conta pela crise sanitária apenas perdendo suas vagas no mercado de trabalho. O mesmo levantamento aponta que elas perderam renda, ocupando o nível mais baixo da pirâmide salarial do país. O estudo revelou que em 2021 as mulheres negras receberam em média apenas 55% da hora trabalhada de um homem branco.

A desigualdade salarial é uniforme em todas as regiões do país, mas o maior índice está em São Paulo: enquanto as mulheres negras ganham em média R \$11,25 por hora trabalhada, os homens brancos recebem R \$22,99 pelo mesmo período.

Isso mostra o quanto ainda precisamos melhorar como país. Valorizar o trabalho das mulheres negras, que são maioria no nosso país, é um começo para reduzir as desigualdades sociais e nesse recorte, a preocupação deve ser ainda maior.